

Detroit é o futuro da América?

Por **Luiz Gonzaga Belluzzo**

Valor Econômico, 5.8.2014

Estudo do MIT aponta que os Estados Unidos perderam a habilidade de converter inovações em produtos comerciais.

Nos Estados Unidos correm à solta as campanhas pela "reindustrialização" do país. Há duas semanas, a organização social Netroots abrigou em Detroit uma conferência sobre a precária situação de cidade. Outrora conhecida como "Motor City", a Cidade dos Automóveis em tradução livre, Detroit está praticamente reduzida às cascas dos edifícios abandonados. Os que neles habitavam buscaram novas paragens.

A população sobrando sofre o colapso dos serviços públicos. Cravada à margem do lago Michigan, a cidade enfrenta uma crise de abastecimento de água entregue à administração privada. Recentemente, os movimentos sociais obrigaram a administração municipal a lhes entregar o controle desse serviço.

O vice-presidente Joe Biden foi o orador principal do Netroots 2014. Em sua fala, Biden advogou um programa de investimentos parrudos em infraestrutura, com destinação das encomendas às indústrias localizadas em território nacional americano. Em suas exortações, foi acompanhado pelo republicano Dan Kildee, originário da antes industrializada cidade de Flint, um caso dramático de desestruturação socioeconômica promovida pelo sucateamento de indústrias e pelo desemprego, as pragas que avassalam o Meio-Oeste americano. Kindee lamentou o descaso de seus companheiros de partido com o declínio manufatureiro dos Estados Unidos. (Perguntado a respeito do destino dos desempregados de Flint, o economista de Harvard, Nicholas Gregory Mankiw, respondeu: "Mudem-se").

Na posteridade da conferência, Scott Paul, Presidente da Alliance for American Manufacturing (AAM) escreveu um artigo, publicado no Huffington Post, sobre a urgência da reinvenção manufatureira americana. O título não poderia ser mais retórico e dramático: "O que eu vi em Detroit é o futuro da América?". Os Estados Unidos perderam 6 milhões de empregos industriais nos últimos quinze anos.

A Aliança pela Manufatura Americana congrega os líderes empresariais sobreviventes da migração em massa da produção industrial para espaços econômicos mais favoráveis à "competitividade". O movimento de extroversão da força manufatureira dos Estados Unidos, concentrada em corporações de grande poder financeiro e tecnológico, suscitou profundas transformações na divisão internacional do trabalho. Configurou-se em torno da China emergente uma formidável capacidade de produção e exportação de bens de consumo, bens de capital, bens intermediários, peças, componentes.

Promovida pela transnacionalização da grande empresa manufatureira, a nova divisão do trabalho fortaleceu o complexo empresarial originário dos Estados Unidos, mas deixou os escombros para a economia nacional americana. O economista Robert Reich, ex-secretário do Trabalho na administração Clinton, escreveu um longo artigo, também publicado no Huffington Post, para

demonstrar que, na era da globalização produtiva e financeira, pouco importa a origem nacional das empresas.

Reich averiguou a estratégia de localização de empresas como a 3M, Caterpillar, General Electric. Suas conclusões convergem para o óbvio: as empresas envolvidas no jogo da concorrência globalizada decidem seus investimentos a partir de considerações a respeito de vantagens fiscais, salários módicos, ganhos de escala e escopo em mercados domésticos em expansão.

Essa conclusão foi alcançada também por um estudo de três matemáticos suíços, Vitali, Glattfelder e Batiston. Fundamentado nas teorias da complexidade, o trabalho "The Network of Global Corporate Control" investigou dados de 43.000 empresas em suas relações de propriedade, conexões de fornecimento, ou seja, de interdependência tecnológica e produtiva nas cadeias globais de valor. Chegaram a um "core" de 147 corporações financeiras e não financeiras. Esse "núcleo duro" do controle capitalista é formado, em sua maioria, por corporações de origem americana que executam suas estratégias de localização à revelia de considerações "nacionais".

Em 2013, o estudo do MIT "The Production on Innovation Economy" deixou claro que os programas de reindustrialização vão encontrar dificuldades não percebidas nos debates mais corriqueiros. O estudo do MIT assinala que os Estados Unidos perderam a habilidade de converter inovações em produtos comerciais. "Não se trata apenas de fábricas desocupadas e em ruínas. Trata-se, sim, do desaparecimento das forças e habilidades necessárias para a produção manufatureira".

Muitos apostam nas novas formas de exploração de óleo e gás, outros esfregam as mãos ao observar a elevação dos salários chineses. É cedo para avaliar os efeitos "reindustrializantes" do "shale gas". Quanto aos salários chineses e americanos, as diferenças ainda são abissais. No livro "Remaking America", o economista Richard McCormack avalia: "Se o custo por trabalhador na China fosse multiplicado por dez, ainda alcançaria apenas um terço do custo norte-americano".

Estudo do Boston Consulting Group apontou o Mississippi, região de baixos salários e poucos direitos dos trabalhadores, como destino provável das empresas que, porventura, desejassem retornar. Talvez os matemáticos suíços e Robert Reich tenham desvendado o significado de "competitividade" na era das cadeias globais de valor.